

Índios ocupam Funai durante posse de Villas-Boas

BRASILIA — No momento em que o novo Presidente da Funai, Alvaro Villas-Boas, era empossado ontem pelo Ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, no auditório do Ministério, a sede da fundação estava ocupada por dezenas de índios que protestavam contra sua indicação e afirmavam que não o deixariam assumir o cargo.

No final da tarde, Costa Couto convocou a imprensa para afirmar que, apesar dos protestos dos índios, Alvaro Villas-Boas seria o Presidente da Funai.

— O Governo não pode abrir mão do exercício e sua autoridade — justificou Costa Couto.

Em entrevista coletiva depois da posse, ainda na parte da manhã, Villas-Boas havia dito que se os índios não o deixassem entrar na Funai ele voltaria ao Ministério e entregaria o cargo. Mas Alvaro Villas-Boas não chegou a ir à Funai.

No início da tarde, o Ministro Costa Couto o convocou para uma reunião — que durou mais de três horas — com a presença do ex-Presidente da Funai, Gerson da Silva Alves, do Superintendente Administrativo Apoená Meirelles, do Deputado Mário Juruna e do sertanista Orlando Villas-Boas (irmão de Alvaro). A intenção, segundo Costa Couto, foi "equacionar o problema antes que se transformasse em impasse".

Antes da entrevista do Ministro surgiam os mais diversos boatos, dando como certo o pedido de exoneração do cargo por Alvaro Villas-Boas, anunciando que o Ministro poderia solicitar intervenção policial na Funai e, até que o próprio Ministro pediria demissão.

O Ministro disse que as lideranças indígenas não foram consultadas sobre um novo nome para a Presidência da Funai porque o órgão não poderia ficar acéfalo, já que Gerson da Silva Alves havia



Costa Couto sorridente enquanto o índio Megaron cumprimenta Villas-Boas

pedido exoneração em caráter imediato e irreversível.

Segundo Costa Couto, há inúmeras acusações impropriedades a Alvaro Villas-Boas: "Durante nossa reunião, o Deputado Mário Juruna fez várias acusações que foram rebatidas por Alvaro uma a uma".

Em seu discurso de posse, Alvaro Villas-Boas disse que assumia a Presidência da Funai em um momento de crise e, por isto, solicitava, dos índios e dos meios de comunicação, um crédito de confiança no período de reformulação da Fundação.

Durante entrevista coletiva, Villas-Boas anunciou que solicitará um amplo levantamento sobre os trabalhos desenvolvidos por missões religiosas em áreas indígenas: "Não existe prevenção de mi-

nha parte contra qualquer missão religiosa. Mas, durante os últimos 23 anos em que estive ligado à causa indígena, recebi todo tipo de informação sobre as atuações missionárias. Se for verificado em alguma missão trabalho prejudicial aos índios, a Funai irá intervir, proibindo sua presença".

A solenidade de sua posse contou com a presença de apenas dois índios: Megaron — que aceitou permanecer na Direção do Parque Nacional do Xingu — e seu primo Puiú.

O Ministro Costa Couto, em seu discurso, disse que a falta de consenso em torno da indicação de Villas-Boas não era um fato estranho: "Nem Rondon teria unanimidade a seu favor se fosse nomeado Presidente da Funai hoje".



Megaron com Juruna na sede da Funai, ocupada por índios que protestavam contra a escolha de Villas-Boas

Atos de represália no Paraná e em São Paulo

LONDRINA, AVAI (SP) e SALVADOR — Revoltados contra a nomeação de Alvaro Villas-Boas para a Presidência da Funai, dezenas de índios guaranis e caingangues ocuparam ontem a 12ª Delegacia Regional do órgão, em Londrina. Na reserva de Araribá, município de Avaí, em São Paulo, 400 índios guaranis, krenaks e caigainganges pintaram-se para guerra e fazem vigília a se encerrar amanhã, quando decidirão se irão a Brasília protestar, diante do Ministério do Interior, contra a escolha de Villas-Boas.

O Delegado Regional da Funai em Londrina, Cornélio Viéras de Oliveira, disse que a reação dos índios "é uma clara demonstração de que a comunidade indígena não aceita mais os métodos paternalistas e autoritários empregados durante anos pelos Villas-Boas". A nomeação também não agradou ao Presidente da Seccional Baiana da Associação Nacional de Apoio ao Índio, antropólogo Ordep Serra, que apesar

de reconhecer a importância do trabalho dos Villas-Boas "num certo momento histórico", declarou:

— Eles exercem um tipo de indigenismo ultrapassado, o do "Pai Grande", que já não se justifica diante do movimento indígena.

O Cacique Tapixi, da reserva caingangue Barão de Antonina, no norte do Paraná, referiu-se a Alvaro Villas-Boas como "o Mengele dos índios" e contou que em novembro de 83, quando Villas-Boas era Delegado Regional da Funai em Bauru, foi expulso da reserva, com mais 22 índios (entre eles sua mãe, de 75 anos). Durante três dias foram espancados na Delegacia de Polícia de São Jerônimo da Serra, e depois de sobreviverem como bóias-frias foram reintegrados à reserva diante do relatório do advogado Antônio Pedro Amarquezi, da Funai em Londrina. Segundo o relatório, Villas-Boas, além de expulsar os índios, não permitiu que fizessem a colheita de suas lavouras.

Líderes chegam hoje para resolver impasse

BRASILIA — Alvaro Villas-Boas não pôde entrar ontem no prédio da Funai para sentar-se na cadeira de Presidente. Cerca de 50 índios de 13 grupos permaneceram durante todo o dia no edifício, dispostos a impedir que o sertanista assuma o cargo. No final da tarde, eles diziam que só ouvirão as determinações de seus líderes. Hoje começam a chegar vários deles, como Raoni Txucarramãe e Aniceto Xavante.

Os índios se reuniram pela manhã com o Superintendente da Funai, Apoená Meirelles. A tarde, fizeram uma espécie de assembleia na sala de reuniões da Presidência da Funai e cada um expôs seu pensamento. A maior queixa era de que as lideranças indígenas não foram consultadas sobre a nomeação de Alvaro Villas-Boas, que pegou a todos de surpresa. Esta reclamação se juntava à insatisfação com o próprio sertanista, que índios acusam de ser "autoritário" e de representar uma corrente do indigenismo

paternalista, do "Pai Grande", como Alvaro Villas-Boas é chamado.

"Aqui ele não entra", afirmou taxativo o índio Jorge Terena, atualmente Assessor da Superintendência da Funai. Segundo ele está é, a primeira vez que os diversos grupos indígenas estão unidos em torno de uma questão, o que poderá, facilitar a escolha de um nome de consenso para o cargo. Jorge Terena colocou um ponto para reflexão dos índios: enquanto o ex-Presidente Gerson Alves estava no cargo não foram liberados recursos para a Funai, ao passo que no dia da nomeação de Alvaro foram autorizados Cr\$ 22 bilhões.

— E se acontece isso de novo, caso o homem da confiança do Ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, não assuma? Vamos passar fome? E se ele chegar aqui agora, o que vamos fazer?

Em resposta, os índios gritaram ao mesmo tempo: "Não entra. Aqui é nossa casa".